

Na matriz da cidade era ela a cantora. Todos os dias, enquanto suas irmãs se preparavam e enfeitavam para ir ao cinema ou a outra qualquer diversão, ela, desprezando tôdas as vaidades da terra, vestia um vestido azul marinho fora da moda, punha um chapéu desajeitadamente na cabeça, e lá ia para a igreja ensair cânticos e louvores para as festas dos santos. Não se pintava; não ataviava o cabelo; era a simples natureza que se mostrava em sua pele baça e muito pálida, em suas sobrancelhas cerradas, em seus lábios descorados, em seus cabelos lisos. Jóias, não queria nem vê-las. Só de ouvir falar nelas sentia um frio na espinha, parecia-lhe que o diabo lhe sussurrava qualquer coisa má e proibida junto ao ouvido.

Desde criança fôra assim. Era a mais velha de três irmãs que não tinham pai. As duas menores, Lúcia e Diva, eram turbulentas e alegres. Enquanto elas subiam nas janelas, soltavam papagaios de papel ou furtavam os doces do armário da cozinha, Margarida estudava o catecismo e se penitenciava dos pecados que elas cometiam. Porque na sua idéia tudo que não fôsse bom comportamento era um pecado e precisava penitência. É verdade que suas irmãs iam à missa todos os domingos e não faltavam ao catecismo, mas... um comportamento exemplar com certeza lhes facilitaria muito o caminho do céu. Assim pensava Margarida e como as outras não a acompanhavam ia se penitenciando por elas.

Quando ficaram moças foi um horror. Não é que Lúcia e Diva se pintavam? Não é que iam a bailes, ao carnaval, ao banho de mar? E para cúmulo do desgosto de Margarida cada uma tinha um namorado! E às vezes, meu Deus, mais de um!!! Era o inferno, com certeza. Nada mais as salvaria.

Mas sua mãe, que ela julgava tão ajuizada, não concordava com seu modo de pensar e achava que as outras é que estavam com a razão. A suas reflexões respondia:

— Minha filha, cada um de nós deve viver sua vida e cada moça deve formar o seu próprio lar. Eu não sou eterna e não queria partir deixando-as ao desamparo. Vocês têm meios para viver, mas é melhor terem também um companheiro que as ajude na vida. Deus não condena isso, absolutamente. Se você quer dedicar-se somente a êle, seria melhor então ir para um convento onde teria quem a socorresse quando chegasse a velhice e as doenças. E dêsse modo eu ficaria sossegada.

Assim falava a mãe de Margarida e sua filha não chegava a compreendê-la.

Passou-se um ano a casou-se Lúcia; mais outro ano e foi a vez de Diva.

Daí a mais alguns anos vieram os risos infantis e as travessuras dos sobrinhos de Margarida encher de alegria a casa onde morava ela com sua mãe.

Eram de contentamento para ambas os dias em que Lúcia e Diva vinham visitá-las com os maridos e os filhos. Viviam ambas muito felizes, atravessando alegremente a existência entre o amor e os carinhos de suas famílias. Havia, é verdade, as noites em claro cuidando das crianças que adoeciam, havia os trabalhos da casa a fazer, havia as lições a ensinar e as outras preocupações que os filhos dão. Mas essas cousas são a vida e o conjunto de tudo isso é que ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ nos prepara para sentir mais intensamente as alegrias, quando elas nos aparecem.

2

Bem dissera D. Leocádia que não era eterna. Partiu, deixando Margarida sòzinha. Continuou esta a ir à igreja rezar, cantar e ensinar o catecismo às crianças. Mas, quando via o prazer, quando ouvia os gritos de felicidade com que as crianças recebiam as mães que vinham buscá-las, ficava um pouco triste com sua solidão.

Pela primeira vez pensou se não teria errado escolhendo tal caminho. Em todo caso tinha os sobrinhos que gostavam muito dela e substituiriam os filhos ausentes. Mas... as visitas dos sobrinhos começaram a rarear... Os meninos preferiam o cinema, os esportes, às visitas em casa daquela tia sempre triste e a pressentir o pecado em tudo. No tempo da avó era diferente. Ela amava a Deus, rezava, mas tudo isso não a impedia de passear e gozar a vida. As crianças gostavam de ir com ela à praia, aos jardins, e na volta, muito divertidas ~~tôdas, UNHUREM~~ dansarem ao som do piano que a boa senhora tocava.

Agora o piano tocava sòmente salmos e ladainhas. Era melhor passearem noutra parte.

Margarida sentia-se abandonada de todos. As irmãs com os cuidados de casa e dos filhos não a visitavam muito. E ela sabia que mesmo isso era pretexto. O verdadeiro motivo era que não se combinavam de modo algum seus gostos e idéias e era preferível não se encontrarem.

Lúcia agora tratava ativamente do enxoval da filha mais velha, que estava noiva. Um dia Margarida, vendo que ninguém a procurava, resolveu chamar a sobrinha para visitá-la.

— Não posso ir hoje, minha tia. Jorge está aqui e quer ir comigo e mamãe ao teatro. Ele gosta do movimento e da alegria e minha tia é muito circunspecta para êle... Em outro dia irei.

Compreendeu então Margarida claramente que tinha errado. Não tinha tido a coragem de ser freira para ter suas irmãs de hábito na hora da necessidade; não tinha formado seu lar onde tudo seria seu desde as preocupações da casa até o afeto do marido e dos filhos. Confiara no amor dos sobrinhos e êste lhe faltara completamente porque dos pais ia se continuando na pessoa escolhida para companheira na vida.

Agora envelhecia sòzinha vendo em volta de si suas irmãs e suas companheiras de colégio tôdas felizes e ditosas porque tinham compreendido a verdadeira significação da existência.

Nada mais lhe restava a não ser a solidão; e na casa deserta, na casa de onde tinham fugido todos os rumores do mundo, vendo a ruína de todo o seu destino, Margarida pôs-se a chorar.